"INTERESSE PELO CORPO": NOTAS SOBRE AMOR-ÓDIO, INDÚSTRIA CULTURAL E EDUCAÇÃO

Ana Carla Dias Carvalho[1]

Resumo: Na parte final da obra Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos são publicados vários ensaios esparsos sob diversos temas. Dentre eles, "Interesse pelo Corpo", o qual, a nosso ver, permite-nos uma reflexão bastante profícua no campo da educação do corpo na contemporaneidade. O objetivo deste texto é realizar uma leitura e uma interpretação acerca do referido ensaio de Adorno e Horkheimer a fim de pensar a atualidade da crítica social e cultural contida nesse fragmento a partir dos eixos a seguir: a) a ambigüidade amor-ódio pelo corpo na cultura moderna; e b) a relação Corpo e Indústria Cultural.
Palavras-chave: corpo, amor-ódio, indústria cultural.

Resumen: En la ultima parte de la obra Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos son publicados una diversidad de ensayos esparsos apartir de diversos temas. Entre ellos se encuentra el ensayo "Interesse pelo Corpo" en lo cual, es posible una reflexión muy profícua en lo campo de la educación del corpo en la contemporaneidad. El objetivo del articulo es realizar una lectura y una interpretación acerca del ensayo de Adorno y Horkheimer com la finalidad de pinsar la actualididad de la critica social y cultural presentes en eso fragmento.
Palabras-clave: cuerpo, amor-ódio, indústria cultural.

Introdução

A Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, editada em 1947, apresenta uma singular atualidade dos temas por ela abordados, o que a torna uma obra importante, não apenas no cenário da filosofia contemporânea, mas também em todo o pensamento ocidental. A idéia nuclear é de que o processo civilizatório, no qual o homem aprendeu progressivamente a controlar a natureza em seu próprio benefício, acaba revertendo-se no seu contrário – na mais crassa barbárie –, em virtude da unilateralidade com que foi conduzido desde a idade da pedra até nossos dias. O referido texto pode ser considerado uma obra clássica da filosofia

[1] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba – PPGE/UNIMEP e professora do Curso de Educação Física do Campus de Catalão/Universidade Federal de Goiás – CAC/UFG. E-mail: anarcala04@bol.com.br

contemporânea, sua relevância reside também no fato de que assuntos do nosso cotidiano aparecem "desenvoltamente em suas páginas, tornando-a, um exemplo ímpar de conciliação entre rigor filosófico e atualidade" (DUARTE, 2004, p. 09).

Nas formulações frankfurtianas há uma preferência pelo periférico, pelo inacabado, no sentido de recuperar o contraditório dos grandes textos filosóficos. Por isso, aforismos e ensaios são formas de exposição deste pensamento e, também, do método crítico. Diante do exposto, nosso objetivo, neste artigo, é realizar uma leitura e uma interpretação acerca do ensaio "Interesse pelo corpo", de Adorno e Horkheimer (1985), refletindo sobre a atualidade da crítica social e cultural contida nesse fragmento, em especial, a partir dos seguintes eixos: 1) a atualidade da ambigüidade amor-ódio pelo corpo na cultura moderna; 2) a relação Corpo e Indústria Cultural.

A atualidade da ambigüidade amor-ódio pelo corpo na cultura moderna

Adorno e Horkheimer (1985) abordam, em seu ensaio, questões referentes ao corpo. A história do corpo caracteriza-se, geralmente, por ser marginal e subterrânea, porque passa por interstícios, que não são comumente tratados com centralidade pela história oficial. Isto se deve ao fato de o corpo ser constituído pelos instintos e paixões humanas que, contundentemente, têm sido recalcados e desfigurados pela civilização.

O cristianismo, ao louvar o trabalho, louvou a importância do corpo visando à produção, mas em compensação humilhou-o e desdenhou-o com todo seu fervor à medida que ele era tido como carne – e, por isso, fonte de todo o mal. A ordem burguesa moderna admitia a centralidade do corpo apenas no sentido do trabalho, conforme verificamos na passagem a seguir:

> [...] com o pagão Maquiavel – cantando o louvor do trabalho que, mesmo no Velho Testamento, era considerado como uma maldição. [...] Para Lutero e Calvino, o laço que ligava o trabalho à salvação já era tão complexo que a exortação febril ao trabalho, típica da Reforma, quase parece um escárnio, como uma bota pisando um verme (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 216).

O corpo constitui-se em objeto e vítima de um significativo processo de controle e domínio. Talvez Adorno e Horkheimer (1985),

quando destacam a extrema valorização do trabalho como um escárnio, queiram justamente manifestar-se acerca do procedimento sacrificial destinado ao corpo.

O processo de dominação do corpo expressa a necessária ligação entre progresso e barbárie. Contudo, a libertação do indivíduo europeu realizou-se com uma transformação geral da cultura que tinha sob as bases daquela civilização a obediência e o trabalho como sustentáculos do acirramento da divisão do trabalho. Tal processo possibilitou à Europa realizar suas mais sublimes criações culturais, mas a sensação de logro que existia intensificou um sentimento de amor-ódio destinado ao corpo, que permeia a mentalidade das massas ao longo dos séculos.

Os cristãos continuaram entendendo que o alcance do céu se realizaria de acordo com as interdições e os sacrifícios que passam pela sublimação dos sentidos e dos desejos corpóreos. Tal sublimação fertiliza-se na relação de ódio ao corpo que é entendido como profano; assim, para atingir o domínio da natureza, o corpo deveria ser reprimido.

O corpo foi, também, instrumento para a garantia de uma dada produtividade a fim de viabilizar a "nova" cultura necessária e pretendida para consolidação do homem burguês. Dessa forma, a ética protestante coaduna-se com a idéia de um corpo necessário, um "corpo forte"; um "corpo ascético" que deveria ser construído na direção da ética do trabalho, que se constitui na linguagem de Lutero como sua expressão máxima e mais autêntica. É nesta marcante ambigüidade que se apresenta o conceito de amor-ódio pelo corpo. Em outras palavras, o corpo constitui-se em uma importante ferramenta para o desenvolvimento daquela sociedade, por isso, de algum modo, ele configurava-se como digno de louvor. Contudo, como não podemos nos livrar dele, devemos sacrificá-lo, golpeá-lo, pois ele constitui-se de matéria profana:

> O amor-ódio pelo corpo impregna toda a cultura moderna. O corpo se vê de novo escarnecido e repelido como algo inferior e escravizado, e, ao mesmo tempo desejado, como o proibido, reificado, alienado. É só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, "corpus". Com o auto-rebaixamento do homem ao corpus, a natureza se vinga do fato de que o homem a rebaixou a um objeto de dominação, de matéria bruta (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 217).

Neste sentido, a cultura conhece e reconhece o corpo como coisa. Como objeto que se pode possuir, consumir, ou seja, o corpo passa a ser mera mercadoria. Na modernidade, o binômio amor-ódio pelo corpo, representa matéria sem vida e concomitantemente objeto de desejo e repulsa.

Na divisão social do trabalho, as mercadorias tornam-se ativas e o indivíduo isolado e fragmentado. A exacerbada especialização do trabalho e sua automação reduzem o homem a um apêndice da máquina, fazendo-o repetir inúmeras vezes o mesmo gesto vazio de significado. Os resultados da cisão entre intelectuais e trabalhadores manuais foram necessários para que alguns pudessem realizar expressões imortais da alta cultura ou usufruir esteticamente da essência purificadora das obras de arte. Entretanto, para que isso fosse garantido, foi preciso que a maioria dos mortais trabalhasse muito, sacrificando e escravizando o corpo para garantir as condições objetivas de sobrevivência humana, conforme afirmam os autores na citação a seguir;

> Não se pode reconverter o corpo físico (Körper) no corpo vivo (Leib). Ele permanece como um cadáver, por mais exercitado que seja. A transformação em algo de morto, que se anuncia em seu nome, foi uma parte desse processo perene que transformava a natureza em matéria e material. As obras da civilização são o produto da sublimação, desse amor-ódio adquirido pelo corpo e pela terra, dos quais a dominação arrancou todos os homens.[...]. A medicina torna produtiva a reação psíquica à corporificação do homem (Verkörperung); a técnica, a reação psíquica à reificação da natureza inteira (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 218).

Na relação do indivíduo com o corpo, o seu e o de outrem, a injustiça da dominação reaparece como crueldade, que está afastada de uma relação compreensiva, de satisfação e porque não dizer, de uma reflexão feliz, pois, quanto maior a dominação do homem sobre a natureza, mais distante dele encontra-se a liberdade. Portanto, a busca por uma racionalidade transforma-se em desrazão à medida que a racionalidade significa também desistir da individuação. À medida que o indivíduo é vítima de uma civilização que o dilacera, desfigura e recalca as dimensões pertinentes aos sentidos, tomando seu corpo como objeto de controle e manipulação, têm-se uma configuração corpórea demarcada por cicatrizes expressas na materialidade, com a qual se vive o trabalho alienado, fragmentado, rotulado sob o imperativo da exaustão metamorfoseado em nome da eficácia.

Neste sentido, o corpo passa a ser reduzido a uma peça sem importância, ou mesmo como um corpo já sem vida, haja vista que, para dominar a natureza, é preciso distanciar-se, alhear-se dela; com isso, apresenta-se o paradoxo de talvez nós também termos nos tornado, em parte, objeto. Então, ao tornar-se sujeito e senhor, o ser humano esclarecido paga o preço da própria alienação da natureza que o compõe. Logo, o aumento do poder do sujeito sugere a alienação da natureza que o compõe e, ainda, a alienação sobre a qual o poder é exercido. Isto significa, como nos indica Vaz (1999), a alienação de si mesmo, uma vez que conhecer só é possível quando se pode dominar e manipular. Todavia "inauguramos em nós mesmos a dura relação entre sujeito e objeto e, para tanto, é preciso que nos tornemos vítima e algozes ao mesmo tempo" (VAZ, 1999, p. 95).

Interessante assinalar que, a partir de argumentos científicos e religiosos, diversas foram as práticas sociais que legitimaram a dor e os sacrifícios humanos em nome da nossa civilização, como, e.g., a escravidão, a inquisição, a tortura, o racismo, o sexismo, e, sobretudo, o silêncio destinado à história do corpo como imagem da exploração do homem pelo homem. Neste processo de civilização, o corpo é, ao mesmo tempo, objeto e vítima da civilização cuja história passa por um processo crescente de manipulação e controle, em prol do desenvolvimento de técnicas que medeiam esse domínio.

Na atualidade, pode-se fazer uma analogia acerca da relação ambígua de amor-ódio, de que falamos, a partir mundo do *fitness*. Neste mundo, temos o culto, o louvor, o messianismo materializado na quantidade de repetições das contrações musculares destinadas a uma fração do corpo, mediada, é claro, pela dor que é necessária e inconteste. Curioso, também, é enfatizar que o professor ou instrutor eficiente, no conceito dos alunos e comunidade em geral, é, justamente, aquele que, ao final de uma série de exercícios realizados, proporcione aos praticantes aquela *dorzinha*, que indica que o trabalho teve resultado, ou seja, uma sensação de dever cumprido. Em outras palavras, o sujeito autocertifica-se pela dor corporal. Consideramos que a ciência, aliada ao senso comum, produz um receituário sadomasoquista para vencer a batalha semanal a favor do fortalecimento do tônus muscular em detrimento da perversa, inaceitável, e, porque não dizer, *inimiga número um*... dos devotos do culto ao corpo – a flacidez.

Adorno e Horkheimer (1985) criticam a prática de medição dos corpos recorrendo à tradição judia que conservou a aversão de medir as pessoas com um metro, em virtude da barbárie do Shoa, a fim de aferir o corpo-morto para que o mesmo coubesse no caixão. No entanto, na atualidade, medir os corpos constitui-se uma prática corrente, como, e.g., nas aulas de educação física escolar ou no cotidiano dos microciclos de treinamento desportivo e condicionamento físico das grandes academias de ginástica. Os manipuladores do corpo encontram prazer em medir o corpo, pois medem o outro sem saber, do mesmo modo, que o do fabricante de caixões, e traem-se quando anunciam o resultado, dizendo que a pessoa é grande, comprida, pequena, gorda, pesada. Atualizando essa traição, comumente podemos testemunhar o prazer dos instrutores de ginástica, das mais diversas modalidades, ao congratular seus alunos, ou melhor, seus clientes, pelo esforço, pela dedicação, e, sobretudo, pelo sacrifício dedicado e compartilhado coletivamente em torno da busca constante pelas medidas ideais e pela melhora do tônus muscular, facilmente verificadas através dos vários ângulos dos espelhos voltados para os corpos-projeto.

Adorno e Horkheimer remetem-nos à idéia de cadaverização do corpo, à medida que o passeio torna-se exercício; os alimentos, calorias; a floresta, madeira, ou seja, coisa, de tal modo que "a vida é degradada em processo químico expressa, por exemplo, em taxas de mortalidade" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 219).

Atualmente, há uma verdadeira dependência em massa de mecanismos de auxílio relativos a processos psicossomáticos, depressão e auto-estima, na maioria das vezes, ligados ao corpo. Dentre estes processos, temos o vício pelo exercício, a anorexia e a bulimia, assim como a compulsão ao uso de diversas substâncias, como é caso das anfetaminas, antidepressivos que procuram reprimir os desejos do corpo para que os mesmos sejam recalcados, conduzindo a uma espécie de reconciliação forjada dessa relação de amor-ódio pelo corpo.

Vaz (1999), ao dedicar-se mais atentamente ao esporte, diz que ele não só partilha da lógica do sacrifício como também vai adiante, na medida em que desenvolve um conjunto de conhecimentos para sua operação. No treinamento, como no fitness, o corpo precisa ser visto como um objeto operacionalizável. Logo, não é sem motivos que são destinadas a ele, tantas metáforas, comparando-o com alguma máquina. Então, se parte da engrenagem do corpo não estiver em funcionamento

a contento, podemos substituir peças ou repará-las; assim, há uma "consciência mecânica do corpo" para o desenvolvimento não só do esporte, mas, sobretudo, de um pensamento do tipo esportivo.

A sociedade administrada nos anos de 1950 já apresentava indícios do conjunto de investimentos no corpo provenientes do cinema e do rádio e, sobretudo, das incipientes experiências televisivas e demais veículos da mídia. Devido à inserção da vida no modo de produção capitalista, a sociedade voltou-se e ainda volta-se para uma relação de troca injusta, na qual quase tudo se torna mensurável, administrável, permutável e consumível. A cultura é produzida, distribuída e apropriada (padronizando-se), para fins mercadológicos, e não como valor de uso, mas apenas como autoconservação na sociedade administrada. Logo, a cultura converteu-se em valor, portanto, dissociada das coisas humanas. No capitalismo, com a universalização do valor de troca, do mercado, do dinheiro como fetiche, o homem converte-se em mero agente da lei do valor. Essa racionalização[2] destrói a relação direta entre os indivíduos: o contato direto é o das mercadorias fetichizadas que convertem o homem-sujeito em corpo reificado. Portanto, a sociedade administrada gerou e gera homens frios, turbinados pelos seus implantes, pelos seus corpos invadidos pelo sintético, pela sua relação doentia com as mercadorias que já são parte do corpo; enfim, parte do humano que vai se conformando com a ambigüidade amor-ódio pelo corpo. Em síntese, o que podemos afirmar é que a sobrevivência humana está ligada ao domínio da natureza que nos rodeia, porém tal domínio também é desejo, e, como não conseguimos nos livrar do corpo nosso de cada dia resta-nos apenas o culto e o louvor a ele, já que, ambiguamente, nossos instintos sugerem golpeá-lo.

Corpo, indústria cultural e educação

O culto à juventude e à beleza, o privilégio da pele branca, o medo da velhice e da morte, a ditadura da moda e as representações coletivas impõem cânones que só um pequeno número consegue

[2] No que tange a racionalização, tem-se a inserção insana das novas tecnologias que invadem o corpo e progressivamente a vida em sociedade, determinando as mediações no campo do sensível dos homens em diversas configurações: em suas casas, nas instituições sociais e culturais, nas atividades do trabalho ao lazer, condicionando o modo de pensar, sentir, raciocinar, enfim de mediar as relações humanas.

alcançar e impedem que a maioria sinta-se à vontade com seu próprio corpo e aceite sua imagem refletida no espelho. Decorrente desta imposição há todo um aparato tecnológico e industrial, gerando produtos que prometem a adequação do corpo aos critérios estéticos dominantes.

A produção de notícias relacionadas ao corpo freqüentemente aponta para a necessidade de mantê-lo jovem. Manter a beleza, sob padrões estabelecidos, custe o que custar. A informação e a notícia adaptadas às normas mercadológicas de generalização e padronização são acentuadas quando o investimento é o corpo.

Os produtos culturais, em virtude de sua constituição objetiva, atrofiam a imaginação e paralisam a espontaneidade e a possibilidade do pensamento autônomo, por conseguinte, impõem um "perfil" *standards* de corpo para diversos segmentos sociais a partir de seus nichos de consumo. A linguagem acerta o caminho com eles. Ela transformou o passeio em movimento corpóreo que se transformou em *jogging*, os alimentos em calorias.

Na área da educação física muito se tem o falado sobre corpo. Ademais, é também no corpo que podemos verificar a presença de marcas da cultura. No caso da sociedade contemporânea, destaca-se, em relação ao corpo, o atual espetáculo proposto pelos *mass media* de *culto ao corpo* preconizado pela ditadura estética. A expressão indica um conjunto de técnicas a serviço de um projeto de corpo, haja vista a presença de sintomas sociais de depressão, pânico, violência, diagnosticados pela real e eterna insatisfação com o corpo, para não dizer ódio por ele.

Para amenizar esse descontentamento constante com o corpo preconizado pela relação amor-ódio, configurada em patologia e ambigüidade, o mercado oferece aos consumidores técnicas, práticas e serviços de reparo e manutenção do corpo que é objeto, matéria bruta. Com o progresso da ciência, o corpo "belo" pode ser fabricado a partir de um padrão, *estandard* de beleza. Basta ter dinheiro para comprar essa idéia. Assistir a uma pessoa sujeitar-se a várias cirurgias até que seu corpo enquadre-se no padrão de beleza dominante e, com isso, ela tenha um lugar de direito na sociedade, é um indício de que estamos vivenciando tempos de uma reificação corporal sem precedentes.

Christoph Türcke (2004) destaca o imperativo de dever tornar-se percebido, ressaltando que aquilo que não se destaca na massa de

ofertas não vende, pois não é verdadeiramente percebido. Padrões estéticos convenientes a mercadorização do corpo são incorporados e, conseqüentemente, constituem-se em barreiras para experiências que possam ser significativas para uma formação que propicie uma relação diferente com os sentidos, com o corpo.

Desse modo, consumir é a palavra de ordem, uma terapia para o mal-estar que é gerado pelo próprio sistema capitalista de exclusão. Consumir o ideário de um corpo que pode ser prometido, mas a promessa está fadada ao fracasso; parece-nos que tal promessa alinha-se com a idéia de liberdade, porém, estaria a escolha da aparência do corpo (o tamanho dos seios, dos glúteos, do nariz) aliada a uma perspectiva de emancipação humana? Ou seria apenas uma demarcação da submissão a uma ditadura estética, uma repressão com discurso de bem-estar, de felicidade, de saúde e auto-estima, enfim, melhoria da qualidade de vida?

A indústria cultural explora o corpo, a sexualidade dos indivíduos e das circunstâncias permeadas pelo desejo, expõe repetida e explicitamente o objeto do desejo, banalizando-o, negando-o a seus consumidores. Ela exibe, de modo ostensivo, o sexo, excitando os espectadores a gozos parciais, porém, deixa-os frustrados pela não realização do prazer. Ela não eleva asceticamente seus consumidores, não sublima suas pulsões, e, no fundo, torna-se rigorosa na aplicação da moral sexual, pois a desordem e a orgia não são produtivas sob o ponto de vista do sistema em vigor.

O voyerismo na Internet, os programas de auditório, as novelas da TV, os enlatados, ao dilatarem ao extremo seu espaço de penetração em todas as camadas sociais, ampliam extrema e igualmente a capacidade de transformar a quase totalidade da população em ouvintes pacientes e sensíveis aos imperativos da indústria cultural. Com a ampliação ao infinito de vias on line e de telefones portáteis que registram cada um dos gestos e deslocamentos, presenciamos a renúncia voluntária de uma parte de nossa autonomia e intimidade. Então, o denominador comum das ciências em uma sociedade consumista como a nossa parece ser a sua lucratividade e não a falácia da qualidade de vida. Talvez seja hora de um posicionamento contra o sistema ou contra o lucro, na perspectiva de tentarmos resgatar os valores mais essenciais à nossa humanização.

A Teoria Crítica[3] critica a noção de progresso e de violência na filosofia da história. A sociedade capitalista contemporânea é solapada por práticas sociais e políticas regidas pela intolerância e pelo autoritarismo, o que explica, no interior da imposição de políticas unilaterais, sob o capitalismo transnacional, a exacerbação da barbárie sociopolítica. Assim, o moderno projeto civilizatório, que profetizou indivíduos livres, emancipados, trouxe, paradoxalmente, uma mutilação que afeta, sobremaneira, a relação do indivíduo com seu corpo, o qual tem sido marcado por cicatrizes, que expressam o humano permitido pelo progresso e por nossa civilização.

O que mais aterrorizava no diagnóstico de que o progresso representava a tendência à implantação generalizada da tecnologia que se localizava no próprio cerne do desenvolvimento da civilização. Considerando que o esclarecimento foi transformado em negação da promessa de seu próprio conceito, Adorno insiste em resgatar, a *contrapelo*, os elementos crítico-formativos ainda presentes nesse conceito iluminista. Nesta perspectiva, o esclarecimento é apresentado como um instrumento indispensável para se criar um clima espiritual, cultural e social que não dê oportunidade de repetição da barbárie de Auschwitz, pois a única condição contra o princípio da barbárie seria a autonomia e a reflexão para a autodeterminação.

No texto "A educação contra a barbárie"[4], Adorno propõe a tese que visa desbarbarizar a educação. Ao definir barbárie suspeita que a mesma existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física. O entendimento de barbárie é desenvolvido a partir da civilização do alto desenvolvimento tecnológico, em que as

[3] Para a Teoria Crítica, tanto Hegel como Marx teriam ontologizado a violência, fazendo-a constitutiva do progresso. Hegel acredita no Absoluto (a liberdade, a felicidade, a verdade) no final da história, quando se dá a reconciliação universal em que o Espírito abole sua dimensão temporal, isto é, alienada. Quanto a Marx, ao conceber as revoluções como locomotivas, ou seja, enquanto fatores da evolução, só reconhece no progresso seu caráter identitário. Isso quer dizer que considera os desenvolvimentos científicos e técnicos como progresso da humanidade enquanto tal. Assim Marx não reconhece as regressões da sociedade, suas periódicas recaídas na barbárie, tal como acontecerá mais tarde sob os fascismos e totalitarismos. Essas regressões se configuram na formação contemporânea a partir da sociedade administrada (MATOS, 2005).

[4] O texto "A educação contra a barbárie" é fruto de um debate na Rádio de Hessen, na Alemanha, transmitido em fevereiro de 1967.

pessoas encontram-se atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização. E, não apenas por não terem, em sua maioria, experimentado uma formação que corresponda ao que entendemos por civilização, mas também por encontrarem-se tomadas por uma agressividade, um ódio primitivo, ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha explodir, aliás, tendência imanente que a caracteriza.

Desse modo, considerar tarefa primeira e urgente impedir a barbárie, ou seja, reordenar todos os outros objetivos educacionais para esta prioridade coloca-se como uma exigência, pois superar a barbárie constitui-se como condição decisiva para a sobrevivência da humanidade. O fato da questão da barbárie estar no centro da consciência provocaria por si uma mudança.

Neste sentido, a perspectiva de desbarbarizar a educação nos "serve" em particular, para pensarmos como o corpo vem historicamente sendo objeto de barbárie no processo civilizatório. Enfim, o "interesse pelo corpo" é palco dessa discussão porque educação e corpo, os usos e desusos do corpo são expressões também de uma perspectiva de educação. Neste sentido, as formas, as práticas, os gestos, os silêncios, os interditos que a escola produz na formação cultural no, pelo e através do corpo são, ao que tudo indica, primordiais ao processo civilizatório do qual todos somos responsáveis se formos simpáticos à idéia de desbarbarizar a educação. Para tanto, é preciso orientar os objetivos da educação na direção do combate à barbárie. Especialmente, talvez seja a hora de permitir um melhor lugar para o corpo, como, e.g., o ponto de partida para pensar e preservar o humano capitaneado pela idéia do reencantamento do mundo através da imaginação e da arte.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Tradução. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

DUARTE, Rodrigo. Adorno/Horkheimer & A dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

KEHL, Maria Rita; BUCCI, Eugênio. Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

MAIA, Aldinéia; GIORDANO, Rosi. Acerca do corpo, novas tecnologias e formação: apontamentos sobre o trabalho do(c)ente. In: CONGRESSO INTERNACIONAL TEORIA CRÍTICA HOJE. Anais... , 2006. p.1-16.

MATOS, Olgária C. F. A escola de Frankfurt: Luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 2005.

MELMAN, Charles. O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

PUCCI, Bruno. Indústria cultural e educação. In: VAIDERGORN, José; BERTONI, Luci Mara (Orgs.). Indústria cultural e educação: ensaios, pesquisas, formação. São Paulo: JM Editora, 2003. p. 9-29.

TÜRCKE, Cristoph. Sociedade da sensação: a estetização da luta pela existência. In: ZUIN, A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. (Orgs.). Ensaios frankfurtianos. São Paulo: Cortez, 2004.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. Caderno CEDES: corpo e educação, Campinas, ano 19, n. 48, p. 89-105, ago. 1999.

_____. Corpo e indústria cultural: notas para pensar a educação na sociedade contemporânea. In: ZUIN, A. A. S.; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA. Newton. (Orgs.). Ensaios frankfurtianos. São Paulo: Editora Cortez, 2004. p. 117-126.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. O corpo como publicidade ambulante. Revista Perspectiva, v.21, p. 39-53, jan e jun. 2003.

Artigo recebido em maio de 2007 e aprovado em julho de 2007.